

R E V I S T A

AUTISM



#RESPECTRO

Ano XI - Nº 28 - MAR/ABR/MAI.2025



ISSN 2596-0539
00028
9 772596 053005

Exemplar de
Assinante / Distribuição
VENDA PROIBIDA

02
de Abril

Dia Mundial
da Conscientização
do Autismo

cbiSolidário

Transformando vidas através da educação

O CBI of Miami, reconhecido internacionalmente pela excelência na formação de profissionais da saúde mental, assume seu compromisso com a responsabilidade social.

Por meio do CBI, formamos profissionais altamente capacitados no tratamento de pessoas neurodivergentes, ampliando o acesso ao conhecimento neurocientífico aplicado à educação.

E durante o período solidário, vamos disponibilizar

Bolsas de estudo de até 80%

Acesse cbiofmiami.com

e faça parte do maior ecossistema de educação em saúde mental do mundo!

Campanha válida de 01 a 31 de março de 2025.

- **Capacitação** para impacto real
- **Professores de renome** internacional
- **Metodologia de ensino** inovadora
- **Certificação** internacional



Índice

#RESPECTRO

Colunas

MATRAQUINHA	12
TRABALHO NO ESPECTRO	20
LIGA DOS AUTISTAS	48
TUDO O QUE PODEMOS SER	50

Sessões

O QUE É AUTISMO?	08
O QUE É A REVISTA AUTISMO?	09
HQ - ANDRÉ E A TURMA DA MÔNICA	10
CANAL AUTISMO	35

Reportagem de Capa

INFORMAÇÃO,
EMPATIA É
RESPEITO

POSTER DO DIA MUNDIAL DE
CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO

22
26

Reportagens e artigos

MECP2	14
É AUTISMO OU NÃO É?	30
DIAGNÓSTICO TARDIO DE AUTISMO	38
AValiação EARLIPPOINT	41
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O AUTISMO	42
COURTNEY LOVE E O AUTISMO (PARTE 3)	43



Ilustração: Samanta Paiva

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão
online desta edição
com conteúdo extra.



EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano XI — número 28

Março de 2025

ISSN: 2596-0539

Venda avulsa proibida

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 17.500 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Alexandre Beraldo

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Allí Chair, Cindy Dalvofo, Daniel Lima, Fernanda Barbi Brock, Gabriela Bandeira, Gustavo Teixeira, Letícia Gomes, Lucas Ksenhuk, Marcelo Vitoriano, Márcia Machado, Maurício de Sousa, Nicolas Brito Sales, Paula Godke, Samanta Paiva, Samyra Oliveira, Sophia Mendonça, Thiago Cabral Pereira, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Grupo Primum Educacional, Clínica Somar, Biosintética, PECS-Brasil, Matraquinha.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi
Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

X/Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/@RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: CanalAutismo.com.br/revista

Editado por: Revista Autismo

R. Bela Cintra, 336 - cj. 74-A, Consolação
São Paulo (SP), CEP 01415-000
CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

Editorial

Todo dia é dia de conscientizar a sociedade a respeito do autismo, naturalmente. Mas, em abril — especialmente no dia 2 — essa missão ganha ainda mais força e visibilidade. Neste Dia Mundial da Conscientização do Autismo de 2025, a campanha nacional traz um tema essencial: "Informação gera empatia, empatia gera respeito!". Uma mensagem simples, mas poderosa, que reflete uma realidade urgente: só se respeita aquilo que se compreende.

O desconhecimento ainda é uma das maiores barreiras para a inclusão de pessoas autistas. Estereótipos, conceitos equivocados e falta de acessibilidade seguem dificultando o pleno exercício dos direitos dessa população. Informar-se sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA) não é apenas uma questão de aprendizado, mas de compromisso com um mundo mais justo. E a empatia é o elo entre essa informação e a mudança de atitude que queremos ver (pelo menos a que eu quero ver!). Não basta saber que o autismo é um espectro; é preciso compreender o impacto dessa diversidade na vida de cada autista e agir de forma respeitosa, tolerante e inclusiva.

Nesta edição, abordamos temas que

tocam diretamente a importância da informação para construir esse respeito. Na reportagem "É autismo ou não é?", Tiago Abreu discute a complexidade dos diagnósticos e os desafios da identificação/diagnóstico do autismo nos dias atuais. Já Sophia Mendonça traz a terceira parte de sua série sobre Courtney Love, cantora autista que enfrentou estigmas ao longo de sua trajetória.

Além disso, Paula Godke apresenta um texto essencial sobre a descoberta do gene responsável pela síndrome de Rett, com um olhar especial para a contribuição brasileira nesse avanço científico. E, para os leitores da HQ do André e a Turma da Mônica, o personagem autista da Turminha nos mostra, com representatividade, leveza e sensibilidade, como a rigidez na rotina, inclusive na alimentação, faz parte da sua experiência.

Que esta edição contribua para ampliar o debate e, mais do que isso, inspire atitudes. Porque quando a informação gera empatia, o respeito se torna um caminho natural. Boa leitura!

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro "Autismo — Não espere, aja logo!" (editora M.Books) e pai do Giovani, de 17 anos, que tem autismo e sabe tudo sobre super-heróis e zumbis, e da Samanta, de 15 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para editor@RevistaAutismo.com.br. Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. Revista Autismo, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. Revista Autismo, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



instagram.com/RevistaAutismo



fb.com/RevistaAutismo



twitter.com/RevistaAutismo



youtube.com/user/RevistaAutismo



linkedin.com/company/RevistaAutismo



threads.net/@RevistaAutismo

Quem colabrou nesta edição



ALYSSON MUOTRI
neurocientista



CINDY DALFOVO
educadora



GABRIELA BANDEIRA
jornalista



MARCELO VITORIANO
psicólogo



PAULA GODKE
administradora



WAGNER YAMUTO
empreendedor



MARCIA MACHADO
arquiteta



NICOLAS BRITO SALES
fotógrafo



TIAGO ABREU
jornalista



SOPHIA MENDONÇA
jornalista



THIAGO CABRAL PEREIRA
psiquiatra



GUSTAVO TEIXEIRA
psiquiatra

Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assine e receba em casa
CanalAutismo.com.br/assine

Baixe grátis as edições anteriores:
CanalAutismo.com.br/Revista

Fale conosco:
redacao@RevistaAutismo.com.br

Artistas que ilustraram esta edição



Lucas Ksenhuk

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

lucasksenhuk.com
@lucasksenhuk.art/



Camila Ali Chair

Paulistana, formada em animação e biologia, ilustra livros e artigos paleontológicos, desde criança fascinada por dinossauros e paleoartes.

deviantart.com/freakyraptor
@camila_alli



Bia Raposo

Artista plástica, arte educadora e provocadora cultural, ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu. Se apaixonou.

@biaraposo



Letícia Gomes

Autista diagnosticada na idade adulta, gosta de design e ilustração, além dos seus gatos e família.

@leh.opato



Mauricio De Sousa

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

@institutomauriciodesousa
@turmadamonica



Samyra Oliveira

Estudante, nascida em 2008, desenha desde sempre, mas começou a investir mais na área aos 9 anos. Passa a maior parte do tempo desenhando ou abrindo insetos.



Quer ter uma ilustração publicada na Revista Autismo?

Leia as instruções no rodapé desta página.



Alexandre Beraldo

Designer de formação, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte dessa revista linda.

@xandberaldo



Daniel Lima

Autista, nasceu em Bragança Paulista, atua como artista visual, ilustrador e agente cultural, além de tocar guitarra na banda Inês é Morta.

@danz_____u



Samanta Paiva

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 15 anos, é fã do filme Black Phone e da série Stranger Things



Fernanda Barbi Brock

Artista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

@fer.barbi.brock

Quer colaborar com a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a Revista Autismo, envie um email para editor@RevistaAutismo.com.br, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).

O que é AUTISMO

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por **Francisco Paiva Junior**

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.219 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de

eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica Aspies for Freedom (AFF), a partir de 2005.

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hipersensibilidade sensorial.

O que é a REVISTA AUTISMO

A Revista Autismo é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a

Revista Autismo segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes.

Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, também pode assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital.

Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site CanalAutismo.com.br.



ANDRÉ em DIAS DA SEMANA

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2025



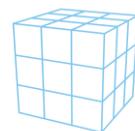
Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:
CanalAutismo.com.br/assine

Apoie e receba a versão digital:
CanalAutismo.com.br/apoie



A Comunicação Alternativa como ponte no retorno às aulas

O retorno às aulas sempre é um momento cheio de expectativas, e para muitas famílias de crianças com autismo, como a nossa, esse período pode ser ainda mais desafiador. No caso do Gabriel, meu filho, a comunicação alternativa tem sido uma ferramenta essencial, transformando desafios em oportunidades de conexão e aprendizado.

Desde cedo, entendemos que a comunicação é mais do que palavras. Para o Gabriel, verbalizar nem sempre foi possível, e isso muitas vezes resultava em frustrações — para ele e para todos ao seu redor. Foi então que mergulhamos no universo da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), descobrindo ferramentas incríveis que permitiram que ele expressasse pensamentos, sentimentos e necessidades de maneiras antes inimagináveis.

Com o retorno às aulas presenciais, o uso da CAA desempenhou um papel ainda mais significativo. Imagine a complexidade de adaptar-se a novos horários, rotinas e interações sociais, especialmente após períodos de isolamento. Graças ao uso de aplicativos, pranchas de comunicação e dispositivos eletrônicos, o Gabriel conseguiu se sentir mais incluído nesse ambiente escolar. Ele pôde indicar preferências, responder perguntas e até mesmo compartilhar pequenos relatos do seu dia. Cada interação bem-sucedida se tornou um degrau rumo à sua autonomia.

Além disso, a comunicação alternativa não apenas beneficia o Gabriel, mas também promove um impacto positivo no ambiente ao seu redor. Seus colegas de classe aprenderam a respeitar e valorizar diferentes



Ilustração: Bia Raposo - @biabiaraposo



Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

f matraquinhaoficial
@matraquinhaoficial
matraquinha
matraquinha.com.br

formas de um colega se expressar, enquanto os professores encontraram uma ferramenta poderosa para entender melhor suas necessidades e talentos.

O mais emocionante desse processo tem sido acompanhar a evolução do Gabriel — não só em termos de comunicação, mas também de confiança e felicidade ao perceber que suas ideias têm valor e podem ser compartilhadas. Ele nos ensina diariamente que existem muitas formas de se conectar e que o importante é encontrar aquela que funciona melhor para cada um.

Para quem está começando essa jornada com a CAA, eu digo: vale a pena! No início, pode parecer desafiador e até um pouco intimidador, mas os resultados são transformadores. A comunicação alternativa é mais do que um recurso; é uma ponte que conecta mundos e abre portas para novas possibilidades.

O retorno às aulas, agora, não é mais visto com receio, mas com esperança. A cada dia, o Gabriel nos mostra que, quando existe uma ferramenta para dar voz às suas ideias, ele pode (e vai) alcançar o mundo.

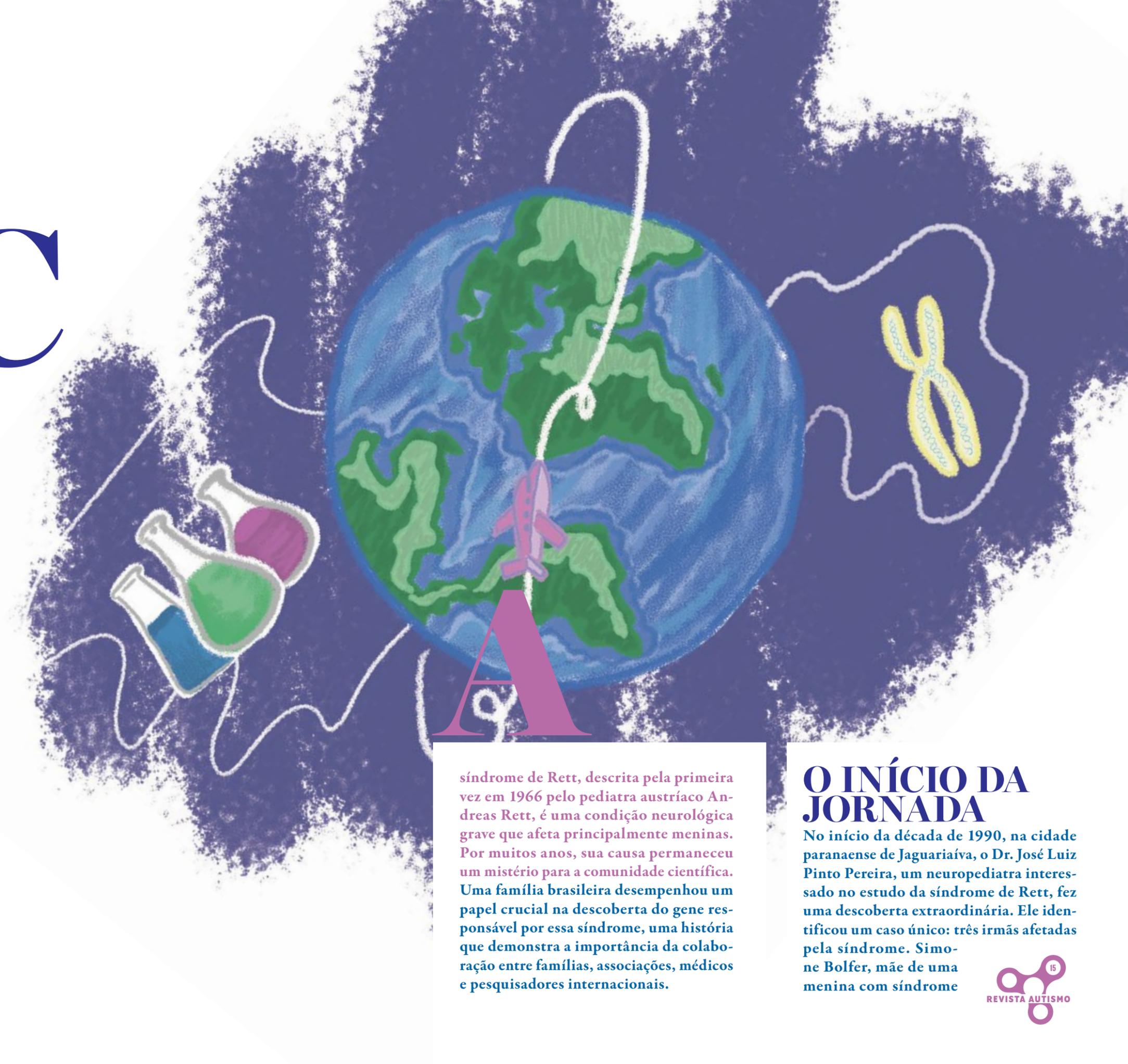
MIEC P2

*A contribuição brasileira
para a descoberta
da causa genética da
síndrome de Rett*

Texto por Paula Godke

Ilustração: Leticia Gomes

#RESPECTRO



síndrome de Rett, descrita pela primeira vez em 1966 pelo pediatra austríaco Andreas Rett, é uma condição neurológica grave que afeta principalmente meninas. Por muitos anos, sua causa permaneceu um mistério para a comunidade científica. Uma família brasileira desempenhou um papel crucial na descoberta do gene responsável por essa síndrome, uma história que demonstra a importância da colaboração entre famílias, associações, médicos e pesquisadores internacionais.

O INÍCIO DA JORNADA

No início da década de 1990, na cidade paranaense de Jaguaíva, o Dr. José Luiz Pinto Pereira, um neuropediatra interessado no estudo da síndrome de Rett, fez uma descoberta extraordinária. Ele identificou um caso único: três irmãs afetadas pela síndrome. Simone Bolfer, mãe de uma menina com síndrome

de Rett e ativa na comunidade, relembra o momento: "O Dr. José Luiz sempre foi muito interessado pela síndrome de Rett, e em um determinado dia me ligou pedindo para que eu visitasse o hospital, pois havia internado uma menina de seis anos, da APAE de Jaguariaiva-PR, com síndrome de Rett. Essa menina tinha uma irmã, também com deficiência. Ele foi vê-la e a diagnosticou também com a síndrome de Rett".

A família teve oito filhos no total, cinco deles com síndrome de Rett – um caso extremamente raro e valioso para a pesquisa genética. "Esse casal teve oito filhos: uma menina que faleceu com 2 anos e 6 meses, com a síndrome de Rett, um menino que morreu antes de completar um ano, uma filha que morreu com 13 anos, uma menina, à época com 10 anos, também com a síndrome de Rett, uma menina de 6 anos com a síndrome de Rett, uma filha neurotípica que, à época, estava com 19 anos, uma outra filha, à época com 17 anos, também neurotípica e uma menina neurotípica, que à época estava com 2 anos e oito meses", contou Simone.

A DESCOBERTA CHEGA AO CENÁRIO INTERNACIONAL

O Dr. Pereira, reconhecendo a importância desse caso, apresentou-o em um congresso internacional. Simone relata: "O Dr. José Luiz apresentou o caso das três meninas Rett do Brasil em um congresso internacional no qual estava presente a Dra. Sakkubai Naidu, Johns Hopkins Hospital, de Baltimore, EUA". Essa doutora, uma neurogeneticista renomada, do Kennedy

A família teve oito filhos no total, cinco deles com síndrome de Rett.

Institute (EUA), imediatamente reconheceu o potencial do caso para avançar a pesquisa sobre a síndrome de Rett.

A VIAGEM QUE MUDOU TUDO

Com o apoio da Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te), a família viajou para Baltimore, em 1997, acompanhada pelo Dr. Pereira. "Foi então que entrou a participação da Abre-te. Como era muito importante a pesquisa, a Abre-te juntou recursos e pagou a minha passagem. Fomos então: a mãe, a filha mais velha, com 19 anos, a menina de 2,8 anos (ambas sem a síndrome), as duas meninas com a síndrome (a mais velha das três tinha falecido), o Dr. José Luiz e eu", lembrou Simone Bolfer.

Foram, então, coletadas amostras de DNA de todos os membros da família, incluindo as crianças com a síndrome no cromossomo X.

A DESCOBERTA DO GENE

Os dados genéticos da família brasileira foram compartilhados com outros centros de pesquisa, incluindo a Universidade de Stanford, que estava avançada no estudo da mutação. Essa colaboração internacional culminou na identificação do gene MECP2 como a causa da síndrome de Rett, uma descoberta publicada em 1999 por pesquisadores liderados pela Dra. Huda Zoghbi.

"Foi um momento emocionante! Era uma noite de domingo. Na época, ainda usávamos secretária eletrônica para gravar os recados telefônicos. Chegando em casa, percebi que havia um recado e, ao ouvi-lo, perdi o fôlego, minhas pernas amoleceram! Era Mrs. Kathy Hunter, à época presidente da International Rett Syndrome Association, dizendo: 'Isis, foi identificado o gene causador da síndrome de Rett!' Eu mal acreditei! Imediatamente liguei para o Dr. José Salomão Schwartzman e, também através da secretária eletrônica, deixei o mesmo recado que acabara de receber. Parecia que eu estava sonhando. Nascia, nesse momento, a esperança da cura", relata Isis Riechelmann, presidente da Abre-te, à época.

A contribuição dessa família brasileira foi determinante por várias razões:

- O grande número de indivíduos afetados em uma única família permitiu uma análise genética mais precisa.
- A presença de irmãs afetadas e não afetadas forneceu informações valiosas sobre o padrão de herança.
- A colaboração entre as comunidades científicas brasileira e internacional acelerou o processo de descoberta.



Isis Riechelmann, presidente da Abre-te à época, com sua filha Catarina.

Foto: álbum pessoal



IMPACTO E LEGADO

Esta história destaca a importância da colaboração entre famílias, associações, médicos e pesquisadores, na busca por respostas para condições genéticas complexas. A contribuição brasileira para a descoberta da causa genética da síndrome de Rett não apenas ajudou a compreender melhor a condição, mas também abriu caminho para futuras pesquisas e possíveis tratamentos. A partir da identificação da mutação do gene MECP2 foi possível mostrar que os sintomas da síndrome de Rett poderiam ser revertidos em modelos murinos (estudo do Dr. Adrian Bird, publicado em 2007) e comprovar que a síndrome de Rett não é degenerativa. Esses mesmos estudos levaram ao desenvolvimento da terapia gênica para síndrome de Rett, que está atualmente em teste clínico nos EUA, Canadá e Reino Unido.



Simone Bolfer com Tâmara, sua filha.

Foto: álbum pessoal

#RESPECTRO

Simone reflete sobre o impacto dessa descoberta: "Foi uma longa e gratificante história, e temos que agradecer [...] ao Dr. José Luiz Pinto Pereira, que divulgou o caso para a comunidade médica internacional, pois, se não fosse ele, nunca o mundo saberia dessa família tão determinante para a ciência".

Hoje, graças a essa família brasileira, sabemos que a síndrome de Rett é causada por mutações no gene MECP2, localizado no cromossomo X. Essa descoberta tem implicações significativas para o diagnóstico, aconselhamento genético e desenvolvimento de terapias potenciais para essa condição devastadora.

CONCLUSÃO

A história serve como um poderoso lembrete do impacto que indivíduos e famílias podem ter na pesquisa médica e da importância da colaboração internacional na busca por respostas para desafios



Paula Godke

é administradora, mãe da Aline, de 10 anos (diagnosticada com síndrome de Rett), vice-presidente da Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te).

@abretebr
abretesp
abretesp

médicos complexos. Como Simone conclui em seu depoimento: "Nós temos que agradecer a esta família. Agradecer aos cientistas que continuam buscando a cura da síndrome de Rett que, se Deus quiser, será próxima".

A contribuição brasileira não apenas ajudou a desvendar um mistério médico, mas também trouxe esperança para famílias em todo o mundo, afetadas pela síndrome de Rett.



A Clínica Somar tem como diferencial um time com capacidade profissional de alto nível acadêmico. Priorizamos um atendimento humanizado, estimulando a capacidade individual de cada um e facilitando o ensino de novos repertórios sempre com o objetivo da independência e o bem-estar emocional.

A Somar celebra quase duas décadas de dedicação e impacto na vida de pessoas com autismo. Com 5 unidades, incluindo a mais recente no Sport Clube do Recife, seguimos comprometidos em promover suporte, inclusão e um futuro mais acessível para todos construindo um caminho de oportunidades e transformação.

UNIDADES E CONTATOS

Unidade FIEIDADE (81) 3485-3913
Unidade CLINDA (81) 4100-1166
Unidade BOA VIAGEM (81) 3465-3913
Unidade TORRE (81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656
Unidade ILHA DO RETIRO (81) 3049-2141 ou (81) 9 9832-0104

@autismosomar



Conectamos empresas, entregamos confiança!

Acreditamos que cada entrega carrega mais do que um produto, ela leva confiança, compromisso e propósito. Com mais de 60 anos de experiência, somos especialistas em soluções personalizadas para transporte de encomendas, atuando em todo o Brasil nos modais rodoviário e aéreo, conectando empresas aos seus clientes, com rapidez, segurança e eficiência.

Conte com a Jamef para levar sua empresa ainda mais longe.



Acesse nosso site.





Como as áreas de diversidade, equidade e inclusão tornam as empresas melhores



Esse texto foi elaborado por conta de uma inquietação pessoal, principalmente em função do atual momento de mudança na política norte-americana, onde o governo eleito estabeleceu uma

pressão para que muitas empresas encerrassem ou diminuíssem seus programas de DEI (diversidade, equidade e inclusão). Bom, como sou uma pessoa que tem uma experiência de quase 30

anos de atuação nessa área, principalmente na inclusão de pessoas com deficiência, gostaria de trazer alguns exemplos de impacto para muito além das inúmeras pesquisas que apontam os benefícios dos



Marcelo Vitoriano

@specialisterne_br
Specialisterne-Brasil
SpecialisterneBrasil
specialisternebrasil.com

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde com experiência na gestão de programas de diversidade

e inclusão em empresas como Sodexo no Brasil. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é CEO da

Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 23 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

programas de diversidade e inclusão. Quero falar de histórias reais. Quando eu trabalhava em uma multinacional que tinha um programa muito sério de diversidade, equidade e inclusão, lembro-me de um exemplo que me tocou bastante, quando nós contratamos uma senhora preta, de quase 50 anos, com deficiência intelectual moderada, uma pessoa que não era alfabetizada e que, antes, trabalhava como coletora de resíduos, buscando latinhas de alumínio para a sua sobrevivência e a do seu filho, que também era uma pessoa com deficiência intelectual.

Na época, Vitória, como vou chamá-la aqui, para preservar sua identidade, foi contratada como auxiliar de serviços gerais e toda a adaptação para que pudesse trabalhar, além de toda a acessibilidade que ela necessitava foram feitas com o auxílio de uma metodologia chamada de “emprego apoiado”. Por exemplo, a rotina e as instruções de trabalho eram dadas a ela com orientações por meio de desenhos que mostravam como deveria fazer sua atividade, até porque ela não era alfabetizada. Sempre que eu a encontrava, Vitória estava com um sorriso no rosto e era muito agradecida àquela oportunidade de trabalho. Um dia, perguntei o que ela mais gostava do seu trabalho. Vitória me

respondeu rapidamente, sorrindo, que agora trabalhava limpinha e as pessoas falavam com ela — o que não acontecia quando era coletora de resíduos, de latinhas.

Respirei fundo para não chorar na frente dela e depois fiquei pensando muito em como as empresas podem impactar a nossa sociedade de forma positiva e ter bons resultados.

Outro exemplo que acho importante falar aqui: uma empresa em que eu trabalhei regularmente organizava homenagens para as mulheres, principalmente no Dia Internacional da Mulher, sempre ressaltando a força da mulher, a maternidade e temas afins. Um dia, por indicação da área de DEI, o tema escolhido para o Dia Internacional da Mulher foi a violência contra as mulheres e como elas poderiam se proteger e sair dessa situação. Claro que é um tema denso, mas tivemos muitos relatos de mulheres que mencionaram viver em situação de violência e o quanto foi importante receber as informações da empresa para tentarem mudar sua situação de extremo risco de vida.

Importante lembrar que, por meio de programas de DEI, muito mais pessoas pretas tiveram oportunidades de conseguir um emprego, quer seja por meio

de recrutamentos com vagas reservadas, programas de mentoria ou capacitação, e com isso conquistaram um trabalho!

Para finalizar, quero lembrar que a maioria das pessoas autistas que acompanhamos na inclusão profissional teve a oportunidade por meio de iniciativas e programas de diversidade, equidade e inclusão. Afirmo, sem nenhuma dúvida, que as empresas que renunciarem a departamentos e iniciativas de DEI vão se tornar piores empresas, não retendo talentos e proporcionando uma cultura que privilegia apenas parte da sociedade. Seguimos em frente, sem retrocessos, apoiando e fortalecendo ações que valorizam a diversidade, equidade e inclusão.☞

INFORMAÇÃO, EMPATIA É RESPEITO

Texto por Francisco Paiva Jr

Ilustração: Alexandre Beraldo

#RESPECTRO

Um chamado para o Dia Mundial da Conscientização do Autismo 2025

No dia 2 de abril, o mundo se veste de azul para lembrar que a conscientização a respeito do autismo ainda é necessária — ainda que "azul para meninos" seja algo ultrapassado, definir uma cor para a causa simplifica e ajuda muito na divulgação. Mais do que um gesto simbólico, a data, instituída pela ONU em 2007, é um convite para ampliar o debate sobre inclusão,

aceitação, respeito e direitos das pessoas autistas. No Brasil, a campanha de 2025 traz um tema direto e poderoso: "Informação gera empatia, empatia gera respeito!".

A frase reflete uma realidade incontestável: o desconhecimento ainda alimenta preconceitos e limitações impostas às pessoas autistas. E todos perdem com isso, autistas e não autistas. Para muitos, o autismo ainda é um conceito distante, envolto em estereótipos que não correspondem à diversidade do espectro. "A informação é a base da transformação. Quando as pessoas conhecem o autismo, deixam de enxergar apenas limitações e passam a reconhecer potenciais", afirma Paula Ayub, psicóloga clínica, terapeuta de família.

O IMPACTO DO DESCO- NHECIMENTO

Apesar dos avanços nas últimas décadas, a desinformação sobre o autismo ainda tem efeitos profundos. Pais e responsáveis frequentemente enfrentam desafios, desde a obtenção de um diagnóstico até a busca por suporte adequado. No ambiente escolar, a falta de compreensão sobre as necessidades dos alunos autistas e a falta de capacitação dos profissionais e infraestrutura ainda geram enormes barreiras para a inclusão.

Carlos Henrique, pai de Miguel (nomes fictícios para preservar suas identidades), de 9 anos, relata as dificuldades que enfrentou ao matricular o filho em uma escola regular. "Nos primeiros anos, fomos recusados em algumas instituições. Mesmo depois de conseguirmos uma vaga, o despreparo da equipe pedagógica dificultou muito a adaptação do Miguel", conta. O caso de Miguel não é isolado: a falta de formação de educadores sobre autismo é um problema recorrente no Brasil.

No mercado de trabalho, a situação não é diferente. Muitos adultos autistas enfrentam dificuldades para conseguir emprego ou se manter nele. "Atualmente, todas as pessoas que buscam um trabalho têm dificuldades para conseguir um emprego. Para as

pessoas autistas, multiplica-se essa dificuldade. Com acessibilidade adequada, as pessoas autistas podem trabalhar, construir uma carreira e contribuir para que as empresas sejam mais humanas, inovadoras e lucrativas", argumenta Marcelo Vitoriano, diretor da Specialisterne Brasil, empresa especializada em treinar e empregar autistas nas empresas.

A FORÇA DA EMPATIA

Se o desconhecimento afasta, a informação aproxima — é uma lógica incontestável. Entender o transtorno do espectro do autismo (TEA) significa compreender que não há uma única forma de ser autista e que cada pessoa tem características e necessidades próprias. "Um dos grandes desafios que ainda temos atualmente em relação ao TEA são suas nuances, como o nome em si, trata-se de um espectro que ocorre em três vertentes, mas não podemos esquecer que estamos falando de um ser humano que tem sua própria personalidade, vontades, emoções e que o meio também tem seu papel no quadro. Quanto mais compreendermos essa condição e respeitarmos as especificidades de cada um mais avançaremos na conscientização e no respeito das pessoas com TEA", destaca a neurocientista Emanuele Freitas, que é mãe de Eros Micael, um rapaz autista, além de psicoterapeuta especialista em análise do comportamento, no diagnóstico e tratamento do autismo e doenças metabólicas, autora do livro "Transtornos do Neurodesenvolvimento – Conhecimento, planejamento e inclusão real".

A empatia também passa por pequenas atitudes no cotidiano. Respeitar a forma como uma pessoa autista se comunica, compreender suas sensibilidades sensoriais e evitar julgamentos são formas simples, mas poderosas, de promover inclusão. "Falar sobre empatia é discursar sobre a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreender o outro na relação com o mundo. A informação sobre o TEA aproxima os sujeitos porque contribui com a empatia, que por sua vez colaborará com a construção de um ambiente ainda mais inclusivo, respeitando as

necessidades específicas de cada sujeito e promovendo o apoio necessário", acrescenta a pedagoga Aline Lourenço Bittencourt, mestre em Educação, premiada em terceiro lugar na Educa Week 2021 pelo seu relato da atuação de estudantes com TEA e autora, com Rosane Meirelles, do livro "Autismo e Ciências. O protagonismo de estudantes com TEA" (Wak Editora).

Esse olhar empático precisa estar presente em todos os espaços: nas escolas, nos ambientes de trabalho, no atendimento médico e até nas interações sociais mais simples. "Quando eu vou a um restaurante e as pessoas entendem que meu filho precisa de um ambiente mais tranquilo, isso faz toda a diferença. A inclusão é muito mais simples do que a gente imagina. Reduzir barreiras atitudinais favorece a participação dos nossos filhos na sociedade, estimula a independência e a tão almejada autonomia na vida adulta", compartilha Tarita Inoue, psicomotricista especialista em TEA e mãe de um adolescente autista de 15 anos.

RESPEITO NA PRÁTICA

Informação e empatia, quando combinadas, levam ao respeito. E o respeito, na prática, se traduz em acessibilidade, equidade e oportunidades reais para pessoas autistas. A legislação brasileira avançou nos últimos anos, mas ainda há um longo caminho a percorrer para garantir que os direitos das pessoas autistas sejam plenamente respeitados.

A Lei Berenice Piana (12.764/2012) reconhece o autismo como deficiência para fins legais, garantindo acesso a políticas públicas. No entanto, muitos dos direitos previstos na lei ainda não saíram do papel. "As pessoas nunca vão respeitar alguma coisa que elas não conhecem. Não adianta termos leis incríveis se as pessoas não souberem o que é autismo. Porque se não conhecem o TEA, nunca vão conseguir respeitar o direito de alguém ou de uma condição que eles nem sabem o que é", critica a advogada e mãe de autistas Carla Borges Bertin. Além da conscientização, o respeito também precisa estar enraizado na cultura social. Pequenos gestos de acolhimento e compreensão fazem toda a diferença na vida de uma pessoa autista. "Ser respeitado vai muito além da aceitação. Significa ter oportunidades, autonomia e poder ser quem se é, sem precisar se encaixar em um padrão imposto pela sociedade", enfatiza Carla Bertin, que tem dois filhos autistas e é uma das coordenadoras do curso Futuro sem Medo, da Território Saber, para pais e familiares de autistas.

AJA LOGO!

Neste 2 de abril, a campanha "Informação gera empatia, empatia gera respeito!" é um chamado para agir. Mais do que compartilhar postagens nas redes sociais, o desafio é transformar o conhecimento em atitudes concretas que tornem o mundo mais acessível para pessoas autistas.

Cada um pode contribuir de alguma forma: educadores podem buscar formação sobre inclusão, empresas podem investir na acessibilidade de seus ambientes, e todos nós podemos ouvir mais as vozes autistas, entendendo suas reais demandas. "A mudança começa no dia a dia. São pequenas ações mais guiadas pela curiosidade do que pelo julgamento que podem, somadas, gerar um impacto gigantesco na micro e macro esferas", finaliza Paula Ayub.

No Dia Mundial da Conscientização do Autismo e ao longo de todo o mês de abril, fica o convite à sociedade, sem exceção: busque informação, pratique a empatia e, acima de tudo, promova o respeito. 🌈

2 de abril
Dia Mundial da
Conscientização
do Autismo

02 de Abril

Dia Mundial
da Conscientização
do Autismo

**Informação
gera empatia,
empatia gera
respeito.
#respectro**

Uma campanha

REVISTA

AUTISMO



2025





MATRAQUINHA
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA



PARA RECORTAR



BORRACHA



CANETA



GIZ DE CERA



LÁPIS



TESOURA



ESQUADRO



ESCOLA

Uma campanha

REVISTA
AUTISMO

ESCANEE E GANHE

GRÁTIS

PDF para imprimir



Disponível



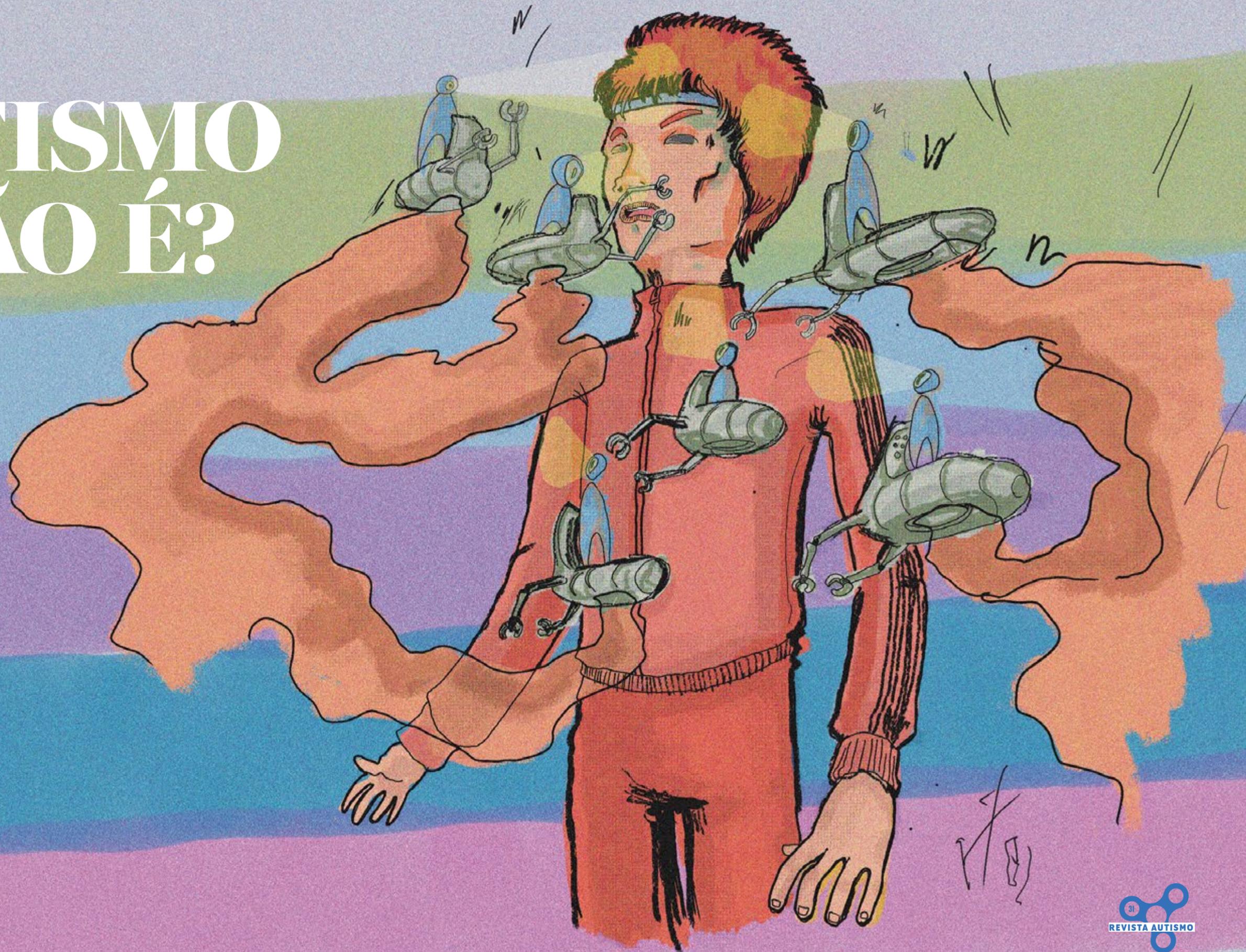
É AUTISMO OU NÃO É?

*Popularização do
autismo nas redes
acende alerta
para o diagnóstico
diferencial, um
desafio no
atendimento*

por Tiago Abreu

Ilustração: Daniel Lima

#RESPECTRO



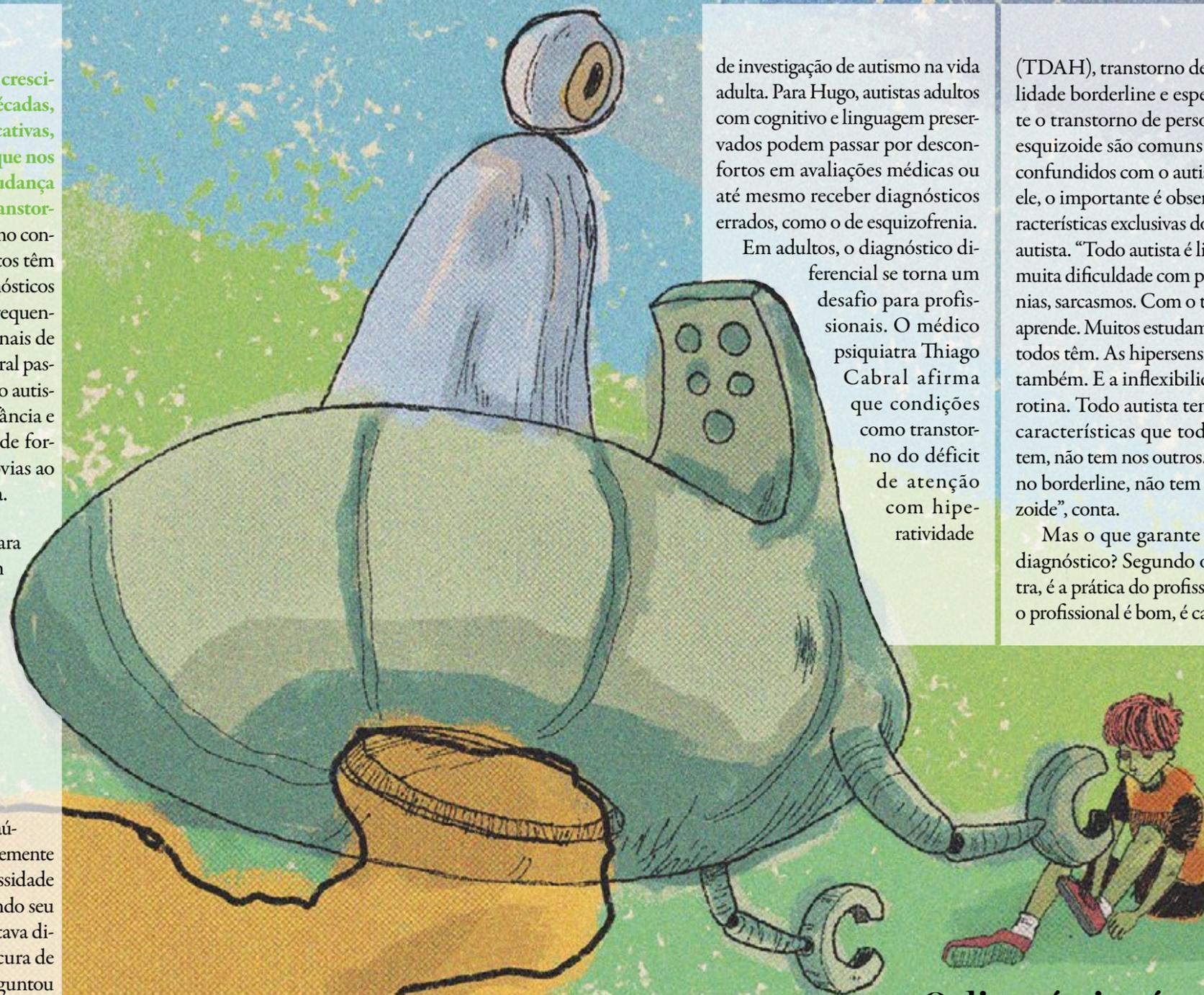
A conscientização sobre o autismo tem crescido significativamente nas últimas décadas, impulsionada por campanhas educativas, movimentos sociais, maior destaque nos meios de comunicação e pela mudança dos critérios diagnósticos do transtorno nos manuais médicos. Como consequência, cada vez mais adultos têm se descoberto autistas. Diagnósticos tardios tornaram-se mais frequentes à medida que profissionais de saúde e a sociedade em geral passaram a reconhecer que o autismo não se limita à infância e pode se manifestar de formas menos óbvias ao longo da vida.

A sutileza do autismo na vida adulta aponta para um processo de diagnóstico mais complexo em comparação ao infantil. Entre as questões envolvidas nessa dificuldade de identificação estão o diagnóstico diferencial, as habilidades aprendidas ao longo da vida e a falta de capacitação de profissionais no setor privado e público.

O DESAFIO DO DIAGNÓSTICO

O ativista Hugo Braz é moderador da Rede Gaúcha Pró-Autismo, avô de autista e descobriu recentemente que um de seus filhos também é autista. A necessidade de investigação surgiu durante a pandemia, quando seu filho cursava uma graduação em Física e enfrentava dificuldades com ansiedade, o que motivou a procura de um neurologista. “Foi um desastre total. Ele perguntou para o neurologista sobre a dificuldade de entender os sentimentos das pessoas. O médico disse que ele era incapaz de sentir. Ele saiu dessa consulta extremamente doído, mal-entendido”, disse Hugo em entrevista à **Revista Autismo**.

Uma resposta mais consistente veio com um neuropediatra que, mesmo tendo maior experiência com casos infantis, conduziu um processo



de investigação de autismo na vida adulta. Para Hugo, autistas adultos com cognitivo e linguagem preservados podem passar por desconfortos em avaliações médicas ou até mesmo receber diagnósticos errados, como o de esquizofrenia.

Em adultos, o diagnóstico diferencial se torna um desafio para profissionais. O médico psiquiatra Thiago Cabral afirma que condições como transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

(TDAH), transtorno de personalidade borderline e especialmente o transtorno de personalidade esquizoide são comuns de serem confundidos com o autismo. Para ele, o importante é observar as características exclusivas do espectro autista. “Todo autista é literal, tem muita dificuldade com piadas, ironias, sarcasmos. Com o tempo, ele aprende. Muitos estudam isso, mas todos têm. As hipersensibilidades também. E a inflexibilidade com rotina. Todo autista tem. E essas características que todo autista tem, não tem nos outros. Não tem no borderline, não tem no esquizoide”, conta.

Mas o que garante um bom diagnóstico? Segundo o psiquiatra, é a prática do profissional. “Se o profissional é bom, é capacitado,

ele faz o diagnóstico rápido. Se o profissional não é experiente com autismo, realmente é um diagnóstico difícil. O diagnóstico é essencialmente clínico, do médico. Mas a avaliação neuropsicológica ajuda muito na investigação diagnóstica, pra você entender como é que o cérebro está, como funciona. Mas o principal é a prática do profissional”, afirma Thiago Cabral.

E AS REDES SOCIAIS?

Ao observar o crescimento de conteúdos sobre autismo na internet, pesquisadores, em estudo publicado no *Journal of Autism and Developmental Disorders*, investigaram a qualidade dos materiais divulgados no TikTok e descobriram que 41% dos vídeos de maior alcance eram imprecisos e 32% tinham generalizações. Da mesma forma, parte da popularização do autismo, enquanto diagnóstico, levanta debates na comunidade sobre o quanto as redes ajudam ou atrapalham na compreensão da condição.

Rauana Batalha é servidora pública da Universidade Federal do Acre (Ufac), mãe e também autista. Ao longo de uma década, percebeu como o autismo ganhou espaço dentro da universidade, especialmente pelas matrículas de autistas adultos em diferentes cursos. Em relação às redes, ela conta que não percebe muitos conteúdos de desinformação. “Quando tem, é por parte dos pais, por incrível que pareça”, destaca.

O diagnóstico é essencialmente clínico, do médico. Mas a avaliação neuropsicológica ajuda muito na investigação diagnóstica.



Thiago Abreu

Jornalista, mestre e doutorando em comunicação e autor do livro “O que é neurodiversidade?”.

Instagram: @otiagoabreu_

Ela, que já produziu iniciativas sobre autismo na universidade, ao mesmo tempo que tem sua filha atendida na Associação Família Azul, fundada em 2011, possui um grupo no WhatsApp, de autistas adultos do Acre, com mais de 80 pessoas. “Eu não vejo ainda banalização. Pelo contrário, eu vejo é muito diagnóstico errado, um laudo de TDAH, de transtorno de ansiedade generalizada. 50% ou mais das pessoas que estão lá no nosso grupo, por exemplo, já tiveram outros diagnósticos, tomavam medicação errada, não tinham qualidade de vida. Aí, outro profissional que viu. Então, aqui no estado, eu acho que isso reflete muito”, conta Rauana.

Thiago Cabral, por sua vez, faz um balanço sobre o conteúdo de autismo nas redes. “Tem informação de qualidade. Mas tem muito mais conteúdo ruim. Eu acho que o aumento da visibilidade é positivo. Mas a desinformação também é uma preocupação. Muitas vezes, as redes sociais simplificam e romantizam o autismo, o que pode levar a interpretações erradas. Então, é importante que bons profissionais de saúde e instituições sérias compartilhem informações para contrabalancear”, argumenta.

POR AVALIAÇÕES ADEQUADAS

Na perspectiva de Hugo, um dos desafios está em relação ao acesso a atendimento de autistas na vida adulta no Sistema Único de Saúde (SUS). “Os casos que eu tenho visto de adultos é que [eles] procuram médicos particulares. Justamente porque parte por indicação”, conta.

Rauana também revelou que, de todos os autistas que conhece no estado, nenhum recebeu o diagnóstico na rede pública. “Essa investigação, principalmente da adolescência em diante, é muito difícil aqui no estado pelo SUS. Você só consegue se for pago. No nosso grupo de WhatsApp, por exemplo, de autistas adultos, todos conseguiram o diagnóstico pagando, não tem ninguém que veio do SUS”, compartilha.

No contexto da universidade,

Rauana observa que ocorreram desafios nos primeiros casos de alunos autistas em relação à perícia. Atualmente, segundo ela, há uma quantidade significativa de estudantes autistas no curso de Medicina, o que levantou discussões sobre acesso ao diagnóstico. “Eles questionavam que a maioria das pessoas daqui vinham com avaliação neuropsicológica e o laudo, e as pessoas que vinham de fora só tinham laudo. Então, causava uma certa desconfiança, por isso que, às vezes, eles interferiam, para que a pessoa trouxesse mais documentos para realmente comprovar”, disse.

Ao mesmo tempo que a avaliação neuropsicológica é relevante para uma hipótese de autismo, Thiago Cabral afirma que nem sempre ela pode ser precisa. “Eu já peguei avaliação neuropsicológica que falava que era TEA e não era, assim como eu já peguei que dizia que não era e era”, pontua. Em relação ao acesso, ele também argumenta que o custo das avaliações é um fator relevante. “Uma avaliação neuropsicológica é mais de mil reais. No SUS, a criança pode até conseguir, porque tem o CAPS infantil, mas [para] o adulto não tem tanto profissional capacitado”, lamentou.

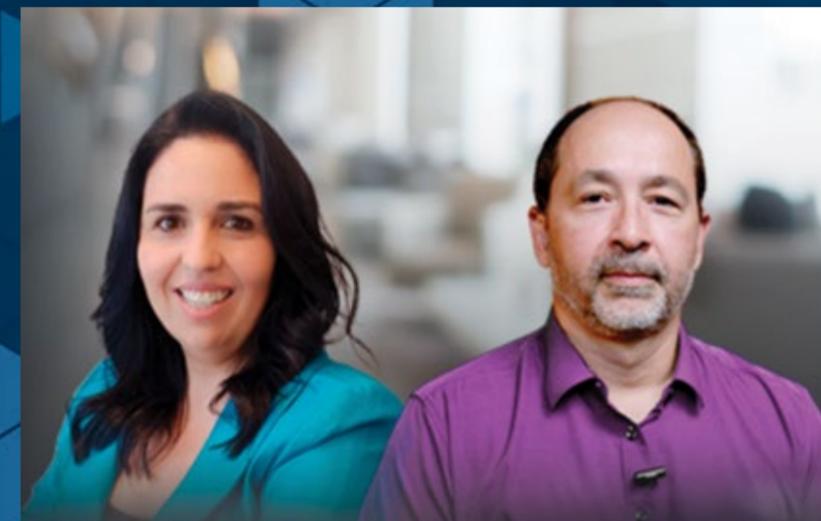
O psiquiatra considera o cenário desafiador, sobretudo porque muitos médicos nunca acompanharam casos de autismo na vida adulta durante suas residências. Ele também desconhece bons exemplos na rede pública. “O principal seria o treinamento dos profissionais para esse diagnóstico. O autista adulto camufla sintomas.” Ele também acredita que, conforme a sociedade toma mais conhecimento sobre autismo, mais casos podem chegar aos profissionais. “Quando eu passei na psiquiatria da infância e adolescência, vi bastante autista criança, mas autista adulto, passei minha residência inteira e não vi nenhum. Foi atendendo e estudando, que eu fui aprendendo a fazer o diagnóstico”, disse. 

C • A • N • A • L AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do Canal Autismo, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site CanalAutismo.com.br ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.

De pais e para pais, curso ‘Futuro Sem Medo’ traz conhecimento a partir da visão de pais atípicos.

Em fevereiro, a Território Saber lançou o curso “Futuro Sem Medo – Criando Filhos com TEA”, para capacitar pais e cuidadores de crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). A formação combina videoaulas, e-books e um fórum de dúvidas, abordando desde o impacto do diagnóstico até aspectos como terapias, direitos e inclusão educacional. Coordenado pelo médico neuropediatra Hélio van der Linden Júnior e pela advogada Carla Borges Bertin, ambos pais de autistas, o curso reúne especialistas de diversas áreas para oferecer informações baseadas em ciência e experiência prática. Mais informações sobre o curso estão no site territoriosaber.com/curso-tea.



Carla Bertin e Hélio van der Linden, coordenadores do curso “Autismo sem Medo”.

Divulgação

Ministério da Saúde adia CID-11 para 2027

Seria a partir do início deste ano (2025), mas o Ministério da Saúde (MS) adiou para 01.jan.2027 a data em que entrará em vigor a 11ª versão da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11),

publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021 e oficialmente traduzida para o português do Brasil somente em 2024 — apesar da OMS recomendar que o início do seu uso deveria ter sido em janeiro de 2022 (há, inclusive,

a versão em português publicada no site da OMS, pela primeira vez). O MS alegou, em seu site, que “conforme a Nota Técnica 61/2024, o início da utilização da CID-11 no Brasil está previsto para janeiro de 2027, em razão das etapas de

atualização dos sistemas de informação e a capacitação dos usuários e publicação”.



Brasil esteve no congresso de síndrome de Rett, na Austrália

Em outubro de 2024, Paula Godke representou o Brasil no 9º Congresso Mundial de Síndrome de Rett, realizado na Austrália. Como vice-presidente

da Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te), ela pôde compartilhar experiências e, principalmente, absorver conhecimentos valiosos

sobre os mais recentes avanços no tratamento e compreensão desta condição. Foram 4 dias de congresso, com mais de 450 participantes, de 26 países,

e 62 palestrantes. O evento foi realizado em Gold Coast, no estado de Queensland, Austrália.

Podcast Espectros recebeu Marcelo Oliveira, Telma Albuquerque e Fábio Coelho

O Espectros, podcast mensal desta Revista Autismo, recebeu mais três figuras da comunidade ligada ao autismo nos últimos meses. Em dezembro, o entrevistado foi Marcelo Oliveira, presidente da ONG Naia Autismo, de Goiânia (GO), organização que oferece terapias para autistas de todas as idades e eventos culturais de autismo. Janeiro foi a vez de Telma Maria

Viga de Albuquerque, graduada em Letras, uma das precursoras do ativismo do autismo no estado do Amazonas e ex-presidente da Associação Brasileira de Autismo (Abra). Em fevereiro, o entrevistado foi o psicólogo, empreendedor e palestrante Fábio Coelho, mais conhecido por ser o fundador da Academia do Autismo.



O psicólogo e empreendedor Fábio Coelho.

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Os jogos contam com dicas visuais e inteligência artificial para análise do desempenho.

Pesquisadores criam jogos virtuais para ajudar autistas

Pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF) criaram jogos virtuais para auxiliar na comunicação e expressão de crianças com TEA. Os jogos foram criados no Ambiente

Digital de Aprendizagem para Crianças Autistas (Adac), um projeto que busca tornar a tecnologia mais acessível para pessoas autistas.

Em entrevista, Mion fala do seu filme, de autismo e de conexões familiares

Por conta da estreia de "MMA - Meu Melhor Amigo" nos cinemas em janeiro, o jornalista Francisco Paiva Jr. fez uma entrevista em vídeo com Marcos Mion, o ator e apresentador que é protagonista do filme. Entre diversos temas, Mion falou sobre seu ídolo Sylvester Stallone, também pai de um

rapaz autista, Seargeoh Stallone — que tem a idade do Mion! (ambos nascidos em 1979) —, sobre conscientização da equipe e cenas que mais o impactaram. O vídeo completo da entrevista está no canal da Revista Autismo no Youtube (youtube.com/@RevistaAutismo).



Mion é o protagonista de "MMA - Meu Melhor Amigo".

Foto: Divulgação



Compre produtos dos EUA e receba voando na sua casa!

Com o **Azul Cargo Box**, você compra vários produtos dos Estados Unidos sem sair de casa, ou até mesmo enquanto viaja com a Azul.

Receba **em até 9 dias**, em qualquer lugar do Brasil.

+50 mil itens

Parcelamento em até 12x

Impostos e taxas inclusos nos preços

Compre aqui



Azul cargo
Express



Linha
SNC
Biosintética
Prescrição

CUIDADO INTEGRAL
PARA UMA SAÚDE MENTAL
MAIS EQUILIBRADA

CAC
Central de Atendimento
a Clientes
0800 701 6900
cac@ache.com.br
8:00 h às 17:00 h (seg. a sex.)

Material destinado ao público geral. 7047048 - Março/2025



Tiago Cabral Pereira

é médico psiquiatra, com especialização em psiquiatria forense e psicoterapia.

@cabralpsiquiatra
cabralmed@me.com
clinicaequilibriobemestar.com.br

DIAGNÓSTICO TARDIO DE AUTISMO

Descobertas, desafios e transformações

Texto por Thiago Cabral Pereira

Ilustração: Revista Autismo

#RESPECTRO

R

Receber um diagnóstico de autismo na vida adulta pode ser um momento divisor de águas. Para muitos, essa descoberta vem acompanhada de alívio e autocompreensão; para outros, é acompanhada de frustração, dúvida e até resistência. Este artigo explora como o diagnóstico tardio impacta a vida de adultos, destacando seus desafios, benefícios e a importância de um diagnóstico cuidadoso e preciso.

IMPACTO INICIAL

Descobrir-se no espectro autista na vida adulta pode ser emocionalmente desafiador. Muitos pacientes enfrentam um turbilhão de emoções ao ouvir, pela primeira vez, a frase: “Você está no espectro autista”.

Dúvida e questionamento: alguns pacientes, ao receber o diagnóstico, me perguntam repetidamente: “Você tem certeza? Como pode ser isso agora, depois de tanto tempo?” A dúvida inicial é comum, especialmente em pessoas que construíram suas identidades sem considerar a possibilidade do autismo.

Silêncio reflexivo: outros pacientes permanecem em silêncio durante o restante da consulta, processando internamente o impacto da nova informação. O silêncio, muitas vezes, reflete a profundidade dessa descoberta e a necessidade de tempo para assimilá-la.

Resistência inicial: alguns pacientes, porém, reagem com revolta, direcionando sua frustração ao médico (a mim, neste caso!) ou a si mesmos. “Por que ninguém percebeu isso antes?” é uma pergunta recorrente que expressa a mistura de surpresa e inconformismo.

Apesar dessas reações iniciais, a maioria das pessoas relata posteriormente que o diagnóstico trouxe clareza e um senso de identidade e autoconhecimento. Como um paciente me disse, meses depois: “Foi como encontrar uma peça que sempre faltou no meu quebra-cabeça. Agora tudo faz sentido”, fazendo alusão ao símbolo do autismo.

TAMBÉM HÁ BENEFÍCIOS

Além de dar sentido a experiências passadas, o diagnóstico de autismo em adultos abre portas para transformações significativas na vida do paciente:

- Acesso a direitos e suporte: o diagnóstico permite que as pessoas tenham acesso a terapias específicas, ajustes no ambiente de trabalho e, em alguns casos, benefícios como o BPC.
- Autocompreensão e autoestima: entender as próprias características ajuda a pessoa a se aceitar e a lidar melhor com seus desafios, fortalecendo sua autoestima.
- Redes de apoio: muitos adultos diagnosticados encontram conforto em comunidades neurodivergentes, onde podem compartilhar



curso em vídeo

Aprenda informática com cursos grátis feitos por especialistas

Criação de sites, Programação, Word, Excel e muito mais.



GUSTAVO GUANABARA



curso em vídeo

cursoemvideo.com

experiências e construir relacionamentos baseados na aceitação mútua.

LIMITAÇÕES DO DIAGNÓSTICO

O diagnóstico de autismo é essencialmente clínico, baseado em critérios comportamentais e relatos históricos, o que gera desafios específicos:

- Critérios passíveis de interpretação: os critérios do DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais) e da CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) descrevem características comportamentais, mas muitos aspectos do espectro são subjetivos e abertos a interpretações diversas. Isso pode levar a diagnósticos errôneos, especialmente em casos sutis ou em populações subdiagnosticadas, como mulheres e adultos.
- Ausência de marcadores biológicos: até o momento, não existe um exame objetivo — como ressonância magnética, exames de sangue ou testes genéticos — que confirme o diagnóstico de autismo com um “sim” ou “não”. Isso aumenta a dependência de observações clínicas, que podem variar entre profissionais.
- Formação insuficiente: muitos profissionais não recebem treinamento adequado para identificar o autismo, especialmente em adultos. Isso pode resultar em diagnósticos apressados ou errados, o que prejudica tanto quem é diagnosticado equivocadamente quanto aqueles que ficam sem um diagnóstico correto.

DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL

A avaliação criteriosa é fundamental para distinguir o autismo de outras condições que compartilham características semelhantes. Entre os diagnósticos diferenciais mais comuns estão:

- Transtorno de personalidade esquizoide (TPE): o isolamento social reflete desinteresse em conexões no TPE, enquanto no autismo, ele é resultado de

dificuldades sociais. Além disso, pessoas com TPE não apresentam interesses intensos ou comportamentos repetitivos típicos do autismo.

- Ansiedade social: no transtorno do espectro do autismo (TEA), as dificuldades sociais decorrem de déficits na compreensão de normas sociais, enquanto na ansiedade social, o medo de julgamento é o principal fator.
- Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC): comportamentos repetitivos ocorrem em ambos, mas no TOC são impulsionados por obsessões, enquanto no autismo estão mais relacionados à autorregulação (emocional e/ou sensorial).

Outros diagnósticos diferenciais incluem TDAH, transtorno de personalidade borderline e transtornos de humor. A experiência clínica e o uso de ferramentas diagnósticas específicas são essenciais para garantir precisão.

USO INDEVIDO

Infelizmente, o aumento da conscientização sobre o autismo também trouxe casos de uso indevido de diagnósticos, seja para acessar benefícios ou por desinformação. Isso prejudica quem realmente precisa de suporte e reforça estigmas.

Regulamentações mais rigorosas e a formação de profissionais especializados são passos necessários para preservar a integridade da comunidade autista.

DIAGNÓSTICOS TRANSFORMAM VIDAS

Embora o diagnóstico tardio de autismo possa ser um choque inicial, ele oferece uma oportunidade única para a transformação. Para muitos, é o início de um processo de autoconhecimento que melhora a autoestima, a qualidade de vida e os relacionamentos.

Para os profissionais, diagnosticar adultos no espectro é mais do que um desafio técnico; é uma oportunidade de mudar vidas. Reconhecer as limitações dos critérios diagnósticos e investir em formação adequada são passos fundamentais para garantir diagnósticos mais precisos e justos.

Ao abraçar o diagnóstico, pacientes têm a chance de transformar desafios em forças e de encontrar seu lugar no mundo com mais autenticidade e confiança. ∞

AValiação EARLIPOINT

Uma proposta para identificar o autismo mais cedo



Gabriela Bandeira

Jornalista, autora do livro “Singulares - Um olhar sobre o autismo” e documentário homônimo e coordenadora de comunicação na Genial Care.



Foto: Divulgação

Dez anos atrás, a notícia de que existe um exame ocular que ajuda na identificação precoce do autismo era impensável. Mas essa é justamente a proposta da Avaliação EarliPoint: usar tecnologia de rastreamento ocular para encontrar padrões de comportamentos comuns no transtorno do espectro do autismo (TEA) em crianças de 16 a 30 meses de idade.

Mais impensável ainda: o exame tem cerca de 12 minutos de duração e é indolor. Para sua realização, a criança é colocada para assistir a um vídeo de interações sociais em um tablet. Enquanto isso, são coletados dados visuais que comparam as reações dela com padrões de atenção esperados em

crianças com desenvolvimento típico da mesma idade.

A partir daí, é possível identificar se o comportamento está de acordo com os marcos de desenvolvimento da mesma idade ou se realmente existem comportamentos mais próximos de crianças diagnosticadas com autismo.

SERVE COMO DIAGNÓSTICO?

Apesar da novidade ser promissora, o exame não serve como diagnóstico de TEA. Mesmo com sua realização, o laudo de autismo continua sendo emitido apenas após

avaliação de especialistas e uma análise cuidadosa de outros padrões de comportamento que, aí sim, vão colaborar para o parecer médico.

A avaliação EarliPoint pode, sim, servir como aliada ao diagnóstico e, conseqüentemente, início precoce da intervenção que vai colaborar para o desenvolvimento da criança no espectro. Ou seja, já existe motivo para comemoração.

E O BRASIL?

Por enquanto, o exame é uma realidade apenas nos Estados Unidos. Sua realização foi aprovada pela FDA (Food and Drug Administration) em julho de 2023, o que autoriza a associação EarliTec, responsável pelo protocolo, a aplicá-lo em pacientes.

Vale dizer que essa é a segunda geração da avaliação. Ou seja, ela já existia, mas foi atualizada para uma nova versão. Outra informação fundamental é que o exame é patenteado e só pode ser aplicado em locais autorizados pela EarliTec nos Estados Unidos.

Ainda não existe uma previsão ou intenção de que a avaliação seja realizada no Brasil. Para isso, seria preciso que a empresa submeta-o à Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para que o órgão emita uma autorização. ∞



CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O AUTISMO

*Chegou a hora do
protagonismo dos pais*

por Gustavo Teixeira

Ilustração Samyra Oliveira

#RESPECTRO

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta aproximadamente 2% das pessoas em todo o mundo e precisa ser compreendido com profundidade, respeito e empatia. Para isso, a conscientização e o acesso à informação são fundamentais.

Penso que todos nós, membros da comunidade autista no Brasil, sonhamos com o dia em que todos os autistas tenham acesso a tratamentos de qualidade, sejam reconhecidos como membros ativos da sociedade, tenham dignidade, respeito e oportunidades garantidas de estudo, trabalho, entre outros direitos de todo cidadão brasileiro.

Sem dúvida nenhuma o caminho para essas conquistas passa pelo empoderamento de conhecimento científico e jurídico das famílias para que tenham um protagonismo dos pais nesse longo processo de conscientização e luta pelos direitos do autista no país. Afinal, não é exagero afirmar que as grandes conquistas nas áreas da educação e inclusão surgiram a partir de movimentos sociais de pais engajados na causa, tanto nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, como aqui no nosso Brasil, principalmente nas últimas décadas.

Uma das grandes ferramentas de empoderamento das famílias passa pelo trabalho de universalizar e democratizar o conhecimento psicoeducacional no Brasil, garantindo que informação científica de qualidade chegue a todos, independente de sua localização territorial, condição socioeconômica, educacional e cultural.

A psicoeducação é uma grande ferramenta de transformação social e um dos pilares mais importantes para melhorar a qualidade de vida de crianças, adolescentes e adultos no espectro autista. Essa disseminação de conhecimento baseado em evidências científicas permite capacitar e empoderar mães, pais, familiares, educadores e profissionais que convivem com indivíduos autistas.

Por outro lado, a falta de informação é um dos maiores obstáculos no diagnóstico, no tratamento adequado e na consequente inclusão dos autistas na sociedade. Muitas famílias passam anos sem saber ao certo como lidar com os desafios que seus filhos enfrentam, o que pode gerar frustração, ansiedade e isolamento. Por isso, disseminar informação confiável é uma forma de promover inclusão e garantir que todas as pessoas no espectro tenham acesso a oportunidades reais de desenvolvimento. Para que a sociedade avance no acolhimento e na inclusão de pessoas autistas, mostra-se fundamental que mães, pais e familiares tenham acesso à informação científica atualizada e baseada em evidências. Quando



**Gustavo
Teixeira**

[@drgusteixeira](#)
[cbiofmiami.com](#)

é médico psiquiatra da infância e adolescência, mestre em educação especial pela Framingham State University (EUA), professor visitante do Department of Special Education – Bridgewater State University (EUA), sócio-fundador do CBI of Miami / Primum.

bem informados, eles se tornam agentes de transformação, capazes de exigir direitos, lutar por políticas públicas inclusivas e oferecer o suporte necessário para que seus filhos alcancem todo o seu potencial.

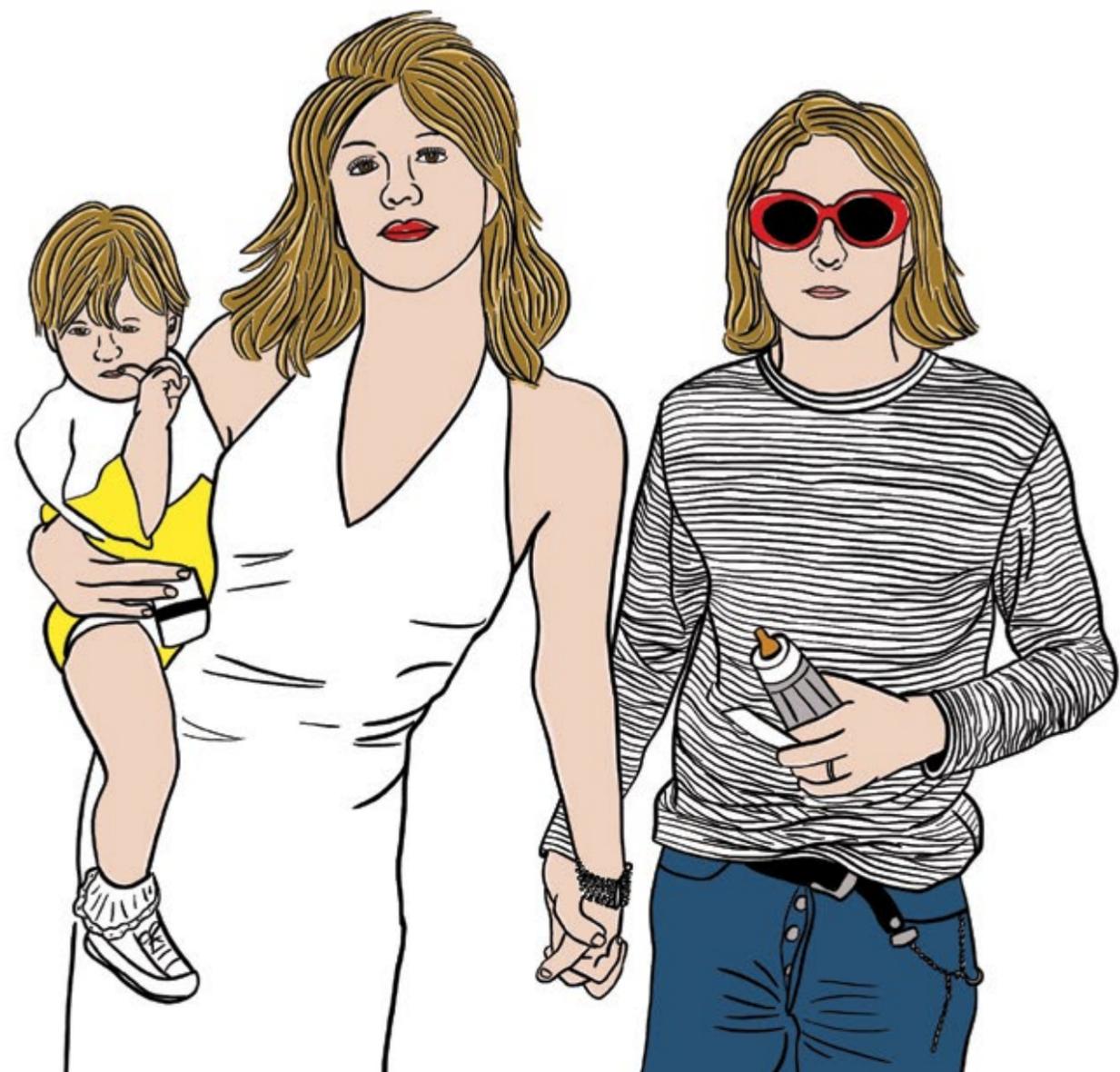
A internet e as redes sociais têm se mostrado ferramentas poderosas para disseminar conhecimento, mas ainda há muito a ser feito, como por exemplo, o combate aos mitos e mensagens falsas (*fake news*), pois a todo momento somos bombardeados com tratamentos falsos e informações erradas, o que leva a tomadas de decisões equivocadas e a investimentos em tratamentos fantasiosos e sem embasamento científico.

A conscientização sobre o autismo deve ser um compromisso de toda a sociedade. Escolas, empresas, serviços de saúde e comunidades precisam estar preparados para acolher pessoas no espectro e garantir que tenham acesso a uma vida digna e plena. Iniciativas de inclusão, como adaptações no ambiente escolar, capacitação de professores e estímulo à empregabilidade de adultos autistas, são essenciais para construir um mundo mais justo e igualitário.

Acredito que, juntos, podemos transformar a realidade do autismo no Brasil, garantindo que todas as crianças, adolescentes e adultos no espectro tenham respeito, acesso a oportunidades e ao apoio que merecem. Se queremos um futuro melhor, precisamos nos unir para que possamos lutar por conquistas duradouras e definitivas.

Para terminar este manifesto, gostaria de alertar que somente com a real união da comunidade autista, livre de vaidades (nossa... quanta vaidade!), de interesses individuais e de conflitos de poder é que poderemos avançar como um grupo representativo frente aos poderes públicos para que legislações modernas sejam aprovadas e implementadas de forma plena, que se convertam em benefícios reais e duradouros para os autistas brasileiros.

Sim, empatia gera informação e informação gera respeito!



COURTNEY LOVE E O AUTISMO (PARTE 3)

Romance com Kurt Cobain

por Sophia Mendonça

Ilustração Fernanda Barbi Brock

#RESPECTRO

Nesta terceira parte da reportagem, vamos conhecer o legado da banda Hole, as polêmicas do casamento com Kurt Cobain e os papéis mais aclamados de Courtney como atriz. Além disso, descobriremos como a estrela está agora.

Em 1990, o Hole já contava com um público fiel. Courtney atribuiu o sucesso ao recente “despertar espiritual” vindo com a conversão ao budismo da Soka Gakkai, em 1988. Em 1991, a banda lançou o primeiro álbum. Tratava-se de “Pretty on the Inside”, que a cantora mais tarde definiria como inaudível. Isso porque a obra continha muita gritaria e era pouco melodiosa, de modo a refletir os sentimentos de raiva e alienação que Courtney sentiu ao longo da própria trajetória. Cenas de morte e de sexo são retratadas de maneira abstrata nessa produção que refletia experiências traumáticas, como quando Courtney sofreu uma tentativa de estupro, saiu correndo pela rua e ninguém tentou ajudá-la. “Pretty on the Inside” recebeu prestígio da maioria dos críticos de músicas indie e punk rock. O sucesso comercial ocorreu principalmente no Reino Unido, ficando na posição número 59 no UK Albums Chart. Seu single principal, “Teenage Whore”, liderou a parada UK Indie Chart.

Durante a turnê de divulgação do álbum, Courtney namorou brevemente o líder da banda Smashing Pumpkins, Billy Corgan. Pouco depois, ela começou a namorar Kurt Cobain, o vocalista do Nirvana, um dos roqueiros mais famosos do século XX. Eles se casaram em Waikiki Beach, em 24.fev.1992. O noivo usou pijamas durante a cerimônia. Segundo amigos

próximos ao casal, a relação entre eles foi motivo para que Courtney fosse vilipendiada pela imprensa dos Estados Unidos. Ela, que era feminista, passou a ser definida como a “Sra. Kurt Cobain”. Em 1992, nasceu Frances Bean Cobain, a única filha do casal. Antes disso, uma reportagem da Vanity Fair acusava Courtney Love de usar drogas durante a gravidez.

Todo esse escrutínio midiático ganhou ainda mais complexidade em 1994, quando Kurt se suicidou. Courtney organizou cerimônias em que levava fãs e crianças para recitarem cânticos em frente ao seu pergaminho budista, o Gohonzon. Mesmo assim, ela passou a ser ainda mais atacada e até responsabilizada pela morte de Kurt Cobain. Surgiu até uma teoria de conspiração que, embora desmentida pela polícia, tem adeptos até a atualidade, afirmando que Kurt foi assassinado a mando dela.

O LEGADO DO HOLE E O SUCESSO COMO ATRIZ

O escrutínio foi tanto que a cantora nem pode aproveitar o sucesso do segundo álbum do Hole. Lançado em 1994, “Live Through This” tornou-se platina e foi eleito álbum do ano pela revista Rolling Stone, figurando até hoje entre os melhores álbuns de todos os tempos. Rumores de que ele, na verdade, fora escrito por Kurt surgiram, mas foram infundados. A obra faz menção à vida pessoal da vocalista. Em Miss World, por exemplo, ela se define como “a garota que não consegue te olhar nos olhos”. Temas como elitismo, depressão, gravidez e abuso infantil estão no cerne da obra. Em entrevistas posteriores, Courtney diz que

não lembra muito do que aconteceu nessa fase da vida, pois abusava de ansiolíticos.

Apesar disso, ela voltou a atuar em filmes como “Paixão Bandida” e “Basquiat - Traços de uma Vida”, ambos lançados em 1996, até que conseguiu um papel principal em “O Povo Contra Larry Flyint”, do diretor vencedor de dois Oscars, Milos Forman. Embora os executivos da Columbia Pictures tenham inicialmente vetado sua participação, Forman contratou a artista, com a condição de que ela não usasse drogas. Courtney Love deu sua palavra e passou por vários testes que comprovavam sua sobriedade. “O Povo contra Larry Flyint” estreou em dezembro de 1996, com a aclamação da crítica, e rendeu diversos prêmios a ela, incluindo uma indicação ao Globo de Ouro. Frank, padrasto de Courtney, afirmou que ela finalmente tinha chegado onde queria estar. Então, Courtney passou a se dedicar mais à carreira de atriz, destacando-se em filmes como “200 Cigarros”, “Encurralada” e “O Mundo de Andy”, também dirigido por Milos Forman.

Em 1998, Courtney e o Hole lançaram seu terceiro álbum. “Celebrity Skin” tornou-se o maior êxito comercial da carreira dela, com vendas multiplatina e indicação a quatro Grammys. Era um disco mais pop, em contraste com os trabalhos anteriores de rock mais pesado, e abordava a vida das celebridades em Hollywood. “Todos queriam um disco de viúva, mas esse era o meu último desejo”, disse Courtney. Em 2003, ela foi pioneira ao denunciar os abusos do produtor de cinema Harvey Weinstein, que só foram publicizados e comprovados mais de uma década depois, com o movimento #MeToo. Ela foi banida da agência de atores por causa disso.

ANOS 2000 ATÉ A ATUALIDADE

A chegada dos anos 2000 foi marcada por novos desafios, como a internação em uma clínica psiquiátrica e a recaída no abuso de drogas, até que Courtney atingiu a sobriedade em 2006. Em 2010, após sua vida ser tema do documentário “Behind the Music”, o jornal Folha de S.Paulo a definiu como “uma mulher diferente até para o rock”. Nesse meio tempo, Courtney lançou livros, como a trilogia de mangás “Princesa Ai”, e os álbuns “America’s Sweetheart” (2004), que ela considera o pior trabalho de sua carreira, e “Nobody’s Daughter” (2010).

Nos anos 2010, a carreira dela foi prolífica na televisão, com papéis em séries como “Revenge”, “Empire” e “Sons of Anarchy”, além do telefilme “Menendez: Irmãos de Sangue”, de 2017. Também gravou músicas para trilhas sonoras, como “Mother”, do filme de terror “Os Órfãos”, que aborda a maternidade sem suporte. Para a série “Empire”, gravou “Walk Out on Me”, que chegou ao primeiro lugar dentre as mais ouvidas da Billboard. Em 2024, Courtney participou da faixa “Song of the Siren”, do álbum “Petrichor”, da cantora 070 Shake. Ela se prepara para o lançamento de um novo álbum solo, com participações de Michael Stype (do R.E.M.) e Will Seargeant (Echo & the Bunnymen).

A revista The Standard a definiu como alguém que, ainda hoje, não teme o cancelamento e é destemida em suas opiniões sem filtro. ☸



Sophia Mendonça

omundoautista.uai.com.br

é jornalista, doutoranda e uma das criadoras do canal Mundo Autista, no YouTube, tendo editado o livro “Neurodivergentes - Autismo na Contemporaneidade”.



Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com

Ensine seu filho(a) ou aluno(a) as habilidades necessárias para comunicar funcionalmente



PECS Nível 1, PECS Nível 2,
Certificação Implementador
PECS, Habilidades de
Comunicação Críticas e
ABA Funcional



PYRAMID
EDUCATIONAL
CONSULTANTS

Pyramid Consultoria
Educaional do Brasil Ltda
Avenida Afonso Pena, 3924, Sala 310
Belo Horizonte, Minas Gerais



Cindy Dalfovo

@cindyautista

é autista,
ativista e
mestre em
Educação.

Burnout autista e a longa jornada de volta para casa

cansaço ele estava falando, sem que ele precisasse elaborar mais.

Ao mesmo tempo, é algo que pode ser muito difícil para pessoas não autistas compreenderem, justamente porque todos estamos cansados, exaustos e com diversos problemas de saúde mental por vivermos em uma sociedade cada vez mais individualista e que não nos garante tempo para a contemplação, para o cuidado com nós mesmos e com o outro, que nos coloca uns contra os outros em disputas onde todos saímos perdendo. E, ainda assim, nós, autistas, percebemos que temos um tipo diferente de cansaço.

Esse cansaço começa muito cedo em nossas vidas, muito antes de termos palavras para nomear o que estamos sentindo. Estamos sempre correndo atrás de um mundo que se move rápido demais para nós. Às vezes quase o alcançamos – tiramos boas notas, parecemos ter boas relações sociais, conseguimos compreender as instruções que nos são passadas, e então nos dão tapinhas nas costas: “Muito bem, muito bem”, eles dizem, e não percebem que assim que eles se vão, assim que o período escolar termina, que voltamos para casa depois de uma festa, nosso corpo desaba, esgotado, como se tivéssemos gastado todos os nossos recursos apenas para dar conta da rotina do dia a dia.

E, no dia seguinte, começa tudo de novo. Mas os recursos já foram gastos, embora as pessoas ao redor não percebam. O que parecem conversas banais para outras pessoas, para nós soam como trovões, como golpes vindos de todas as direções e contra os quais não conseguimos nos defender, como uma torrente de informações sendo empurrada, exigindo que nosso cérebro processe, compreenda e dê uma resposta às demandas que estão sendo feitas sobre nós. Nossa mente só consegue responder: “Pare, pare, eu não consigo mais,

eu não dou conta”. Mas, o que os outros veem são os gritos, as explosões de humor, as respostas mal-educadas, as agressões, as fugas, o isolamento.

Somos seres de histórias, nossa identidade é construída das narrativas que contamos para nós mesmos. Mas, aprendemos a contá-las a partir das nossas relações, de conversas, da forma como apresentam o mundo para nós. Nessas interações, começamos a apreender os elementos, as palavras, as possibilidades que podemos utilizar em nossas próprias histórias.

O problema é que crescemos sem as palavras para descrever essas sobrecargas sensoriais, sem histórias que falassem de como é difícil acompanhar um mundo que está sempre se movimentando rápido demais, sem personagens que nos houvessem apresentado possibilidades de lidar com esses desafios.

Outras palavras nos foram dadas: preguiçoso, burro, desleixado, mal-educado, antipático, agressivo, esquisito, aberração, alienígena, difícil de entender, difícil de conviver, difícil de amar. São essas palavras que devoramos e que ficam costuradas sob nossa pele, que usamos para definir quem somos, que nos destroem a cada dia.

Nosso cansaço se transforma em burnout após anos, décadas, vivendo em um mundo que não faz sentido para nós e que não se esforça para nos entender.

É possível se recuperar desse *burnout*?

É o que venho me perguntando há alguns anos, desde que me descobri autista. Cheguei à conclusão de que “recuperação” talvez não seja a melhor palavra: esse desgaste esteve presente em toda a minha história, em todo o meu desenvolvimento, e não tenho como arrancar seus efeitos de mim como se fossem um vírus.

Mas, talvez, eu possa construir uma versão de mim que consiga lidar com essas dores, que não negue as enormes cicatrizes

psíquicas que afetam meus movimentos, minhas habilidades, meus comportamentos, minha personalidade, mas que encontre formas de ser feliz nesse corpo cansado, exausto, dilacerado.

E isso começa pelas palavras. Pelas histórias que conto a mim mesma. Não é fácil, porque são histórias que as outras pessoas – e mesmo eu – muitas vezes não querem ouvir: que eu tenho o direito de descansar, que eu não preciso dar conta de tudo. Que eu não preciso aprender a ser “sociável”, mas eu posso aprender quais relações me fazem bem e quais não fazem.

Começa por aprender a dizer não, e a dizer não para as coisas certas: eu não preciso atender às expectativas alheias, eu posso dizer não mesmo para coisas que eu queria muito, mas que eu entendo que vão ter um custo muito alto para mim em termos de sobrecarga e cansaço.

O mais difícil é que é uma história que eu ainda não conheço: estou construindo com pedaços aqui e ali, ouvindo outros autistas, refletindo, tateando, explorando, e errando, errando muito. Um rascunho de algo que ainda não sei bem o que é, mas que está aos poucos me ajudando a me levantar, a manter a ideiação suicida cada vez menor, cada vez mais quieta, a construir planos para um futuro que até há pouco tempo me parecia tão improvável quanto uma viagem para Marte.

E compartilho, conto, ao redor de fogueiras imaginárias, para meus irmãos e irmãs, para que possamos criar nossas próprias histórias, nossos próprios personagens. Para construir um mundo em que possamos mais do que apenas sobreviver, florescer. ♻️

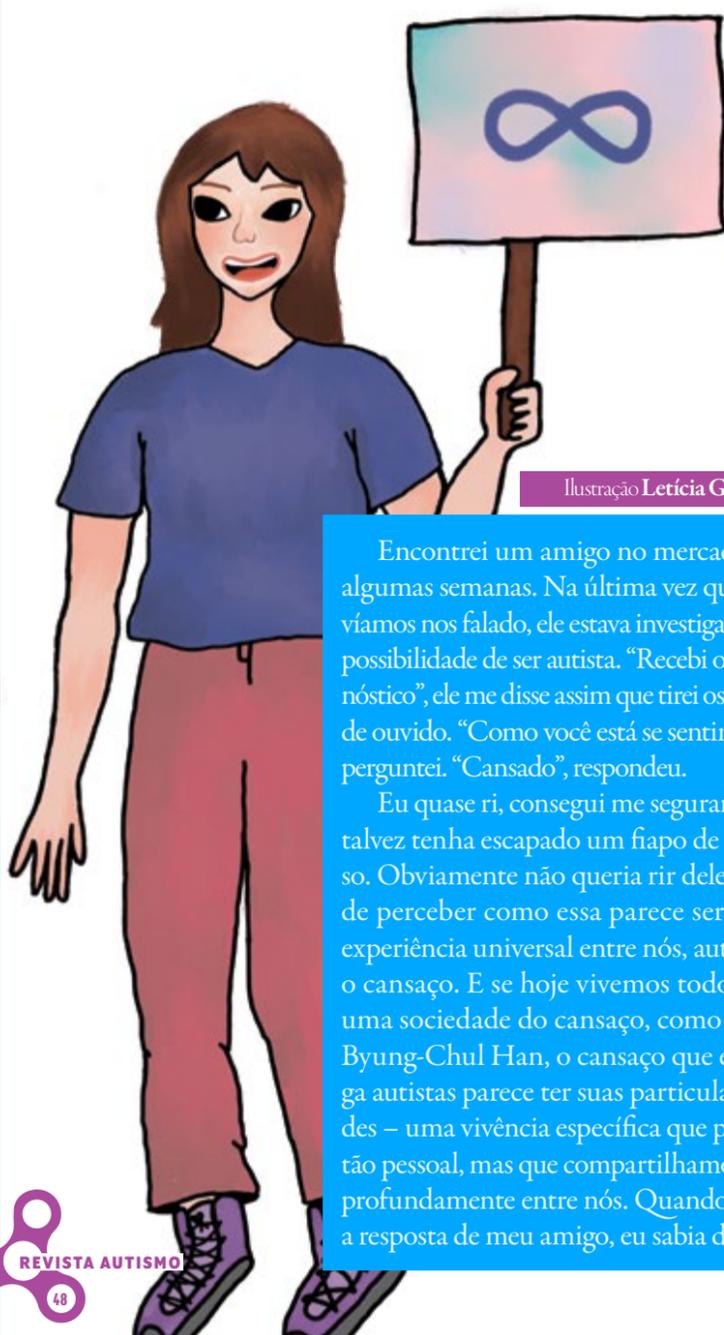


Ilustração Letícia Gomes

Encontrei um amigo no mercado há algumas semanas. Na última vez que havíamos nos falado, ele estava investigando a possibilidade de ser autista. “Recebi o diagnóstico”, ele me disse assim que tirei os fones de ouvido. “Como você está se sentindo?”, perguntei. “Cansado”, respondeu.

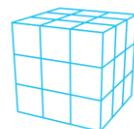
Eu quase ri, consegui me segurar, mas talvez tenha escapado um fiapo de sorriso. Obviamente não queria rir dele, mas de perceber como essa parece ser uma experiência universal entre nós, autistas: o cansaço. E se hoje vivemos todos em uma sociedade do cansaço, como disse Byung-Chul Han, o cansaço que esmaga autistas parece ter suas particularidades – uma vivência específica que parece tão pessoal, mas que compartilhamos tão profundamente entre nós. Quando ouvi a resposta de meu amigo, eu sabia de que



coluna

LIGA DOS
AUTISTAS





Meu Melhor Amigo

Em janeiro de 2025, fui convidado e tive o enorme prazer de assistir à pré-estreia do filme do Marcos Mion, “MMA - Meu Melhor Amigo”. E o que dizer sobre essa obra? Achei simplesmente sensacional!

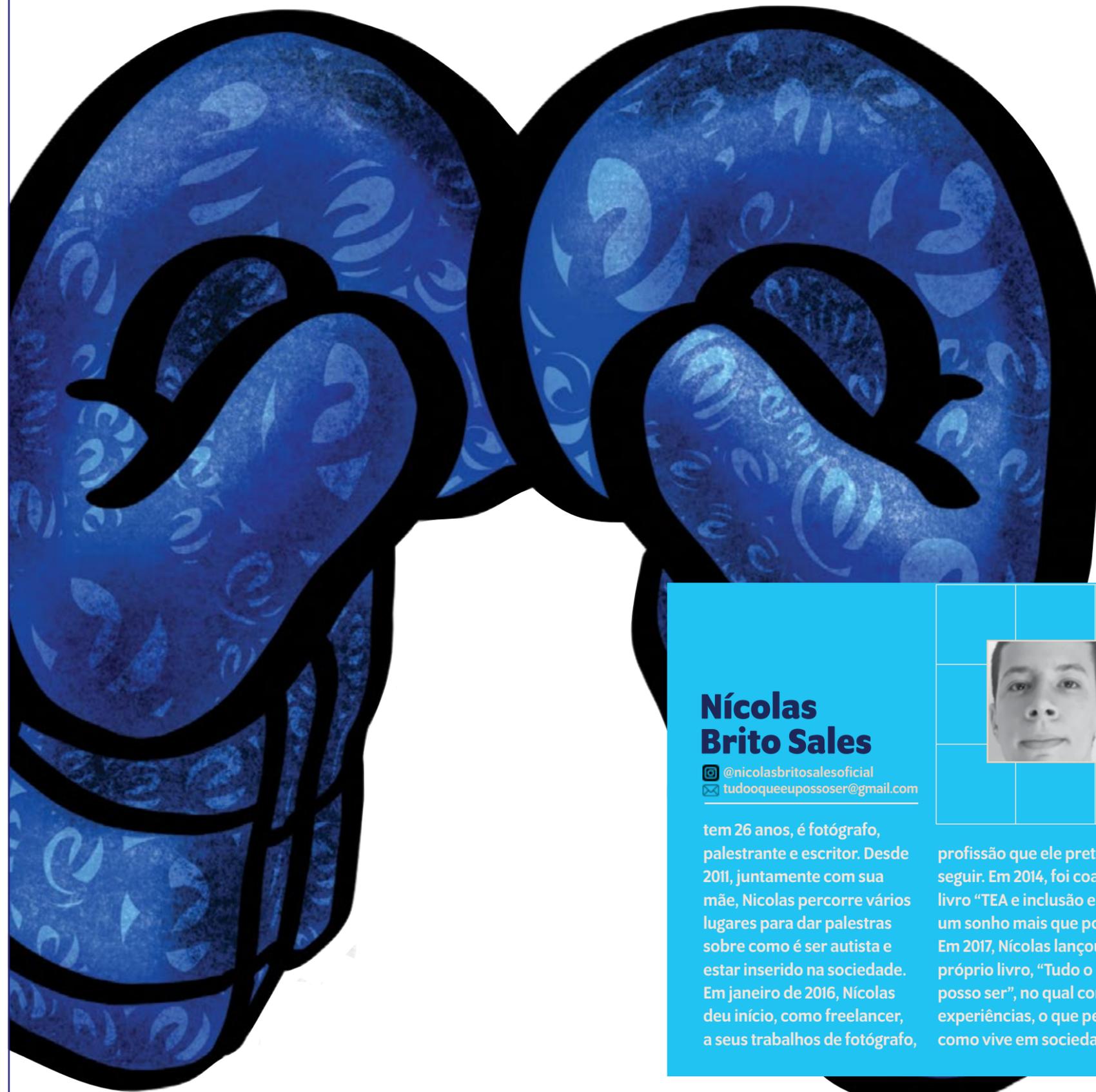
O filme retrata o autismo de uma maneira extremamente delicada, ensinando que o TEA não é uma doença e que cada pessoa autista é única. Esse ponto é de suma importância, para que não surjam comentários como: “Ah, mas esse filme não representa o meu filho”. É claro que não, porque cada filho é único e especial justamente por ser quem é.

A narrativa do filme é poderosa e emocionante, destacando temas como amizade, empatia e aceitação. Além disso, a forma como o filme equilibra momentos de humor com cenas intensamente tocantes é impecável. Essa combinação não apenas entretém, mas também educa e conscientiza, criando um espaço de reflexão para pais, educadores e a sociedade em geral.

“MMA - Meu Melhor Amigo” é uma obra essencial porque coloca o autismo no centro de uma conversa nacional. Ele reforça a importância de enxergar a singularidade de cada indivíduo autista, combatendo estereótipos e promovendo a inclusão. Para a comunidade autista, é um marco que dá voz às nossas histórias, sonhos e desafios.

No mais, o filme é excelente e eu garanto que você vai se emocionar. Em especial, a cena final é incrivelmente tocante, mas não vou revelar detalhes para não dar *spoilers*. Confesso que me emocionei ainda mais quando assisti pela segunda vez, junto com o próprio Romeo, a família e nossos amigos da clínica Gradual. Fomos convidados para assistir ao filme com toda a turma e foi um momento muito especial. Eu dei muitas risadas! Gostaria de expressar minha imensa gratidão ao Marcos, à Suzanna, ao meu grande amigo Romeozão e a toda a família Mion por nos convidarem para esse momento tão marcante.

E, é claro, não posso deixar de parabenizar todo o elenco do filme, especialmente o Marcos Mion e o talentoso Guilherme Tavares, que interpretou o Bruno de forma simplesmente emocionante e memorável.



Nícolas Brito Sales

Instagram: @nicolasbritosalesoficial
Email: tudooqueeupossoser@gmail.com



tem 26 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo,

profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nícolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.



tismoo

Quer ajuda no seu dia a dia? O Genioo faz pra você.



SAIBA MAIS
app.tismoo.com.br

O Genioo é uma ferramenta de Inteligência Artificial que tem a capacidade de melhorar o dia a dia de autistas, familiares e pessoas que se relacionam com autismo, auxiliando você em questões práticas.

Já imaginou ter um assistente para cada assunto abaixo?



Professor Genioo



Doutor Genioo



Enfermeiro Genioo



Nutri Genioo



Psicólogo Genioo

